

**A linguagem e seus suportes:
uma reflexão sobre as confluências entre
o webjornalismo e o livro-reportagem**

*The language and its supports:
a reflection about the confluences between
the web journalism and the book-report*

Dayane do Carmo BARRETOS¹

Resumo

Este texto propõe uma reflexão sobre o modo como o desenvolvimento de novos suportes modifica a linguagem, traz novas possibilidades para a produção jornalística e afeta os processos de cognição do leitor contemporâneo. Partindo do pressuposto de que a web não só traz novas ferramentas e possibilidades, mas também se apropria das características de outros meios, procurei pontos de confluência entre as perspectivas trazidas pelo jornalismo digital e o formato livro-reportagem. Para tanto, lancei mão de autores que abordam a questão da linguagem, da escrita e da leitura desde a época em que só havia o meio impresso até a crescente digitalização que vivemos, além de trazer iniciativas que exemplifiquem as questões trabalhadas.

Palavras-chave: Linguagem. Suportes. Webjornalismo. Livro-reportagem.

Abstract

This text proposes a reflection on the way as the development of new supports modifies the language; it brings new possibilities for the journalistic production and affects the processes of the contemporary reader's cognition. Leaving of the presupposition that the web not only it brings new tools and possibilities, but it also appropriates of the characteristics of other means, I sought confluence points among the perspectives brought by the digital journalism and the format book-report. For this, I threw hand of authors who approach the subject of the language, the writing and the reading from the time there was only the print medium to the increasing digitization we live, besides bringing initiatives that exemplify the worked subjects.

Keywords: Language. Supports. Web journalism. Book-report.

¹ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Ouro Preto-UFOP. E-mail: dayane.barretos@yahoo.com.br

Introdução

Se a realidade é a matéria prima do jornalismo, a linguagem é seu modo de existir. Ao construir uma reflexão que faça trabalhar de forma articulada o texto jornalístico e os seus suportes, pretendo tentar compreender um pouco mais sobre os processos de significação envolvidos na comunicação.

Neste trabalho proponho uma abordagem da questão da linguagem tanto no âmbito da escrita como da leitura, uma vez que ambos os processos são perpassados pelas características dos suportes aqui tratados – o livro e a web - e possuem um papel fundamental na construção de sentido. Em uma mesa² recente sobre escrita, a jornalista e escritora Eliane Brum (2014) fez um desabafo sobre a sua conflituosa relação com a eterna falta de espaço suficiente para os seus textos na época em que trabalhou em impressos. Autora de textos longos, para Brum (2014), a possibilidade infinita de espaço na web foi libertadora, cumprindo um papel que antes cabia somente aos livros-reportagem, de acesso mais restrito do que os sites.

O que defendo nessa rápida incursão é que, ao atentar-se somente ao que a web trouxe de novidade para a produção jornalística, como a atualização em tempo real, o uso de formatos multimídia, entre outras características que serão tratadas com mais calma a seguir, acaba-se gerando previsões catastróficas sobre o processo de construção textual e de leitura na rede (como um imenso pessimismo com relação à leitura de textos longos, ou a superficialidade da produção para a internet). No entanto, muitos dos processos intelectuais suscitados pelo ambiente digital já são vivenciados pelo sujeito desde o desenvolvimento da linguagem (KERKHOVE, 2003).

A criação de novas ferramentas e modos de apresentação que auxiliem na escrita e na leitura não é uma iniciativa nova, do códex à tela (CHARTIER, 2002) os suportes se aprimoraram, provocando mudanças no modo como acessamos os textos, tanto física como mentalmente. Ao caracterizar os suportes de que trato neste trabalho – a web e o livro impresso – proponho abordar desde as particularidades até as confluências, muitas vezes negligenciadas, desses dois veículos, na intenção de problematizar o modo como

² Mesa Escritas do desassossego no Fórum das Letras de 2014 na cidade de Ouro Preto.

o jornalismo se apropria dos suportes, tanto ao explorar novas possibilidades como ao transpor modos de construção de um veículo para o outro.

1 A linguagem e seus suportes

Para Kerkhove (2009) a linguagem foi a primeira tecnologia desenvolvida pelo ser humano. Por meio da sua evolução e sistematização, com a criação do alfabeto grego e mais recentemente do código binário, foi possível compartilhar as vivências e experiências, modificando a forma como se estrutura a vida social e possibilitando que evoluíssemos aprendendo com as experiências e repassando-as.

Atrelados à linguagem estão os suportes. Ainda em Kerkhove (2003) tem-se que a evolução da inteligência humana se deu não só pela evolução da linguagem, mas também das tecnologias que a suportam, como a oralidade, a escrita e a eletricidade. No entanto, vale destacar que esses três estágios principais da linguagem não constituem três fases bem demarcadas em que um sucede completamente o outro, o que temos é uma coexistência, conforme destaca Gonçalves (2014, p. 12) “ao longo da segunda metade do século XX, sofremos uma presença crescente dos meios eletrônicos, notadamente o rádio e a televisão, sem que isso tenha levado a uma substituição de uma cultura oral ou impressa por uma elétrica. O eletrônico convive e se agências com o oral e o escrito, incorporando elementos seus.”.

Duas tecnologias da classificação proposta por Kerkhove (2003) se mostram importantes para esse trabalho: a escrita e a eletricidade (que tornou possível a criação do ambiente digital). Esses dois suportes mudaram a nossa relação com a linguagem.

Duas grandes tecnologias modificaram nossos primeiros relacionamentos com a linguagem: a escrita e a eletricidade. A escrita através da separação entre texto e contexto e também através do isolamento do leitor e da liberação das mentes individuais de uma mente única e coletiva que era a mente das tribos. A eletricidade traz todos os sentidos de volta para a linguagem, mas, ao mesmo tempo, ela externa as mentes dos leitores na tela e torna mais uma vez públicos os conteúdos e os traumas da mente privada da escrita. (KERKHOVE, 2003 p.7)

Dessa forma, além das implicações sociais, o desenvolvimento de novas tecnologias de suporte para a linguagem acabou por afetar a mente dos indivíduos que

delas se utilizam, ou seja, na medida em que um novo suporte é criado os processos cognitivos da sociedade sofrem modificações. Para Kerkhove (2009, p. 259) “ler e escrever são condições fundamentais para a privatização da mente”, desse modo o desenvolvimento da escrita significou um marco, separou o texto do contexto, inseparáveis na fase da oralidade, privatizando uma consciência que antes era coletiva e necessitava do compartilhamento para existir. Já a eletricidade propicia uma espécie de cognição hipertextual em que é possível acessar a memória de todos e compartilhá-la em tempo real com toda a rede. “A mente do hipertexto compartilha das mentes do texto e do contexto. Tem um pouco de cada uma e mais. É conectiva”. (KERKHOVE, 2003, p.9). Seguindo essa linha percebe-se que o ambiente digital não suscita processos cognitivos completamente novos, mas proporciona uma relação entre os processos da oralidade e da escrita de uma forma que antes dele não era possível.

Outra implicação do desenvolvimento da escrita foi possibilidade de armazenamento de todo o conhecimento que antes era compartilhado apenas através da oralidade e contava exclusivamente com a capacidade da memória humana para guardá-lo. Assim, tornou-se possível o estudo e o desenvolvimento de técnicas e saberes determinantes para a evolução da humanidade. Esse armazenamento é potencializado com a web, que o torna mais técnica e economicamente viável (PALACIOS, 2003).

Com a crescente digitalização, a tela se torna a principal interface de leitura. A memória de um computador comum pode armazenar milhares de textos, que por sua vez, podem ser encontrados na web. Toda essa infinidade de arquivos de diversos formatos e tipos ao alcance de um clique chama a atenção de Chartier (2002, p.20) para o seguinte aspecto: “o mundo da comunicação eletrônica é o mundo da superabundância textual cuja oferta ultrapassa a capacidade de apropriação dos leitores”. Como consequência disso, a informação acaba sendo acessada de forma fragmentada e descontínua pelo leitor. “Num certo sentido, no mundo digital todas as entidades textuais são como bancos de dados que procuram fragmentos cuja leitura absolutamente não supõe a compreensão ou percepção das obras em sua identidade singular” (CHARTIER, 2002, p.23).

No capítulo de título significativo “morte ou transfiguração do leitor” (CHARTIER, 2002, p.101), o autor chama atenção para as mudanças no modo como o texto se apresenta no ambiente digital e, conseqüentemente, no processo de leitura. “O

hipertexto e a hiperleitura que ele permite e produz transformam as relações possíveis entre as imagens, os sons e os textos associados de maneira não-linear, mediante conexões eletrônicas, assim como as ligações realizadas entre os textos fluidos em seus contornos e em número virtualmente ilimitado” (CHARTIER, 2002, p. 109) de modo que, mostra-se necessário repensar, inclusive, a noção predominante de texto como uma construção linear, com início e fim bem demarcados. Indo ainda mais a fundo, a própria noção de livro ligada a ideia de um conjunto de folhas dispostas no formato códex é colocado em cheque com a emergência dos *e-readers* e *e-books*.

De fato a web explicitou uma fragmentação textual, no entanto, o risco aqui é imaginar que a hipertextualidade e a navegação não-linear é característica exclusiva do texto e da leitura digital, sendo que, nas palavras de Gonçalves (2014, p. 9-10) se se considerar a evolução da tecnologia livro desde os primeiros séculos da era cristã: do rolo ao códice, e no âmbito do códice, temos livros em que cada vez é mais fácil navegação e a orientação do leitor dentro da obra, de tal modo que num códice contemporâneo não há dificuldade em ir e vir, e mesmo localizar temas e termos específicos (ainda que essa localização não se iguale à possível no digital). Esse longo aperfeiçoamento dos códices faz com que neles a leitura não linear e o vai e vem de modo algum apresentem problemas, o que favorece a presença da não linearidade tanto no códice quanto nos textos digitais.

Assim, reforça-se a ideia de que a digitalização não criou processos inéditos, mas aprimorou e colocou em relação aspectos já presentes em outros suportes. Em uma mesma reportagem na web é possível mesclar texto, fotos, vídeos, áudios e outros formatos que antes só existiam separadamente, um na TV, um no impresso, outro no rádio.

2 A apropriação do suporte pelo jornalismo

No jornalismo o suporte é determinante na produção do conteúdo a ser veiculado, desde a confecção das pautas até a escolha dos formatos e as tecnologias escolhidas para a construção da reportagem. Para além do processo de produção, os processos cognitivos acionados durante a leitura e apreensão do conteúdo também dependem do suporte. Sobre essa questão, Chartier (2002) é incisivo em considerar que

os textos não existem fora da materialidade do veículo. “Contra a abstração dos textos, é preciso lembrar que as formas que permitem sua leitura, sua audição ou sua visão participam profundamente da construção de seus significados” (CHARTIER, 2002, p. 62).

É imprescindível admitir que a web dispõe de ferramentas que auxiliam na aglutinação de sentidos. A possibilidade de mesclar formatos permite uma abordagem multimídia com implicações multisensoriais de leitura. O que proponho não é deixar de lado essas particularidades, mas destacar algumas confluências. Para tanto, começo por caracterizar os suportes em questão neste item, para que no item seguinte as reflexões que levanto se mostrem coerentes.

Já se passaram quase duas décadas desde que os jornais brasileiros começaram a ocupar o ambiente on-line. O Grupo de Pesquisa em Jornalismo On-line da FACOM-UFBA propõe uma sistematização em três fases para o webjornalismo (MIELNICZUK, 2003). A primeira geração consistiu na transposição do conteúdo impresso para a web, a atualização era feita a cada 24 horas, seguindo a periodização do impresso, nessa fase observa-se apenas uma mudança de espaço, ou seja, o jornal que antes era disponível apenas na forma física passa a poder ser acessado de forma on-line. Já na segunda geração, chamada de fase da metáfora, percebe-se as primeiras tentativas em explorar as características e ferramentas específicas da web, ainda que o impresso fosse usado como metáfora para a elaboração do conteúdo, já há o uso de *links* relacionando as matérias, do e-mail como canal de comunicação entre o leitor e a empresa jornalística, além da presença da sessão *últimas notícias*, o que pressupõe uma periodização diferente do impresso. No entanto, as iniciativas de digitalização dessa fase ainda estão vinculadas às empresas jornalísticas consolidadas em outros suportes (MIELNICZUK, 2003).

É a terceira geração que mais nos interessa aqui, uma vez que a estamos vivenciando hoje e é ela que nos traz as questões de maior relevância para o estudo aqui apresentado. É na terceira fase do jornalismo digital que vemos emergir iniciativas só para internet, como os portais de notícias e agências de reportagens que não existem fora do ambiente digital. Mielczuk (2003) cita como características dessa fase o uso de recursos multimídia, de recursos de interatividade como o chat e os fóruns e da hipertextualidade não apenas como organização, mas como forma de composição da narrativa jornalística.

Palacios (2003) ressalta que não existe um formato “canônico” de produção jornalística na internet, devido à infinidade de possibilidades. No entanto, o autor estabelece seis características do webjornalismo: multimídia/convergência, interatividade, hipertextualidade, personalização, memória e instantaneidade.

Neste texto, chamo atenção para uma característica em especial, a multimídia. O uso de recursos multimídia só é possível devido à plasticidade do ambiente digital que, diferente do impresso, permite uma complementaridade de diversos formatos na construção narrativa. O resultado é uma gama variada de sentidos e percursos de leitura possíveis.

Enquanto os media clássicos apresentam os seus produtos de forma linear, os interactivos – áudio, texto, Web, SMS, TV interactiva - possibilitam o controle da informação que se recebe, da sequência em que as notícias são apresentadas, e até, no âmbito de um dado objecto, da ordem de apreensão dos conteúdos, que não é linear e depende das escolhas cognitivas do sujeito. (ZOLLMAN, 1997 apud GRADIM, 2002, p. 2).

A convergência, segundo Palacios (2003), é responsável por agregar os diversos formatos midiáticos na narração do fato jornalístico na internet. Além de mudar o processo de leitura, a multimídia proporcionada pela convergência também transforma a rotina de produção jornalística dentro das redações. Do jornalista passou-se a exigir multitalentos, para que dê conta dessa nova demanda (GRADIM, 2002). Para produzir conteúdo para a internet, além de dominar a técnica de diversos formatos, é necessário entender do processo de difusão desse conteúdo. A rede facilita a disseminação e aumenta o alcance das produções jornalísticas.

Passemos agora para a caracterização do formato livro-reportagem. Nas palavras de Lima (2009, p.26), “o livro-reportagem é o veículo de comunicação impressa não-periódico que apresenta reportagens em grau de amplitude superior ao tratamento costumeiro nos meios de comunicação jornalística periódicos”. Segundo o autor, esse maior grau de amplitude pode ser entendido tanto no âmbito horizontal, de extensão, quanto no que diz respeito a um maior aprofundamento do tema.

A construção textual da reportagem³ é perpassada pelo *modus operandi* da profissão de jornalista. São basicamente duas as questões determinantes aqui: tempo e

³ Considerando que a dinâmica da produção da reportagem é diferente da notícia do jornalismo diário, neste último, a questão do tempo influencia de forma muito mais incisiva, como na luta pelo furo, por exemplo. No caso da reportagem prevê-se um *dead line* mais alargado, mas que ainda assim, acaba por afetar no processo de construção da narrativa jornalística.

espaço. O tempo diz respeito aos *dead lines* apertados, que fazem com que muitas vezes o jornalista não consiga se aprofundar no tema e na apuração tanto quanto gostaria. “A imprensa luta contra o relógio, briga com a concorrência, desse modo praticando em muitas ocasiões o exercício de uma informação pública imprecisa, incompleta” (LIMA, 2009, p.32). No que diz respeito ao espaço a lógica é a mesma, por vezes o número de caracteres disponível para a reportagem impede um maior aprofundamento no assunto (isso quando não é pedido ao repórter que diminua o texto para a entrada de uma publicidade de última hora).

Dessa forma, o livro-reportagem se mostra como uma alternativa que permite um maior espaço para a abordagem do assunto e um maior tempo, uma vez que não se trata de uma publicação periódica. Assim, diversas reportagens veiculadas em mídia impressa ganharam sua versão em livro, com um maior aprofundamento, bem como temas complexos que de forma alguma caberia no espaço do jornal ou da revista, já foram produzidos tendo o livro como destino. “Se cabe ao jornalismo informar e orientar, cabe a seu subsistema, o livro-reportagem, informar e orientar com profundidade.” (LIMA, 2009, p.40).

Os livros-reportagem podem tanto tratar de apenas um assunto, como é o caso de *Holocausto Brasileiro* (2013) da jornalista Daniela Arbex, como reunir uma coletânea de textos, a exemplo de *O Olho da Rua* (2011), escrito por Eliane Brum, que além de compilar as reportagens, também traz comentários da jornalista sobre o processo de produção. Lima (2009) distingue o livro-reportagem dos outros livros a partir de três condições: conteúdo, tratamento e função.

No que diz respeito ao conteúdo, o livro-reportagem sempre tem o real como base, seja um acontecimento, um processo ou uma condição. Já quanto ao tratamento, a linguagem jornalística é proeminente, com a ressalva de que esse tipo de publicação possibilita um maior destaque do narrador, o que, geralmente, não é comum na linguagem jornalística tradicional do impresso. Por fim, a função dessa modalidade de livro seria, assim como o próprio jornalismo, orientar, informar e explicar determinado fato ou situação.

3 Confluências entre o livro e a web

Que o livro impresso e a web possuem inúmeras diferenças pode-se perceber com um primeiro olhar e uma comparação rápida. No entanto, esses dois suportes compartilham de possibilidades para uma produção jornalística alternativa, com uma maior liberdade narrativa e sem ter que disputar espaço com a publicidade.

Começo tratando do tempo. A instantaneidade é uma das características do webjornalismo citadas por Palacios (2003). A possibilidade de atualização contínua e o fetiche da velocidade (MORETZSOHN, 2002) que supervaloriza a informação em tempo real é muito explorada pelos grandes portais de notícias on-line. Entretanto, iniciativas que tem como proposta produzir reportagens de fôlego emergem no cenário comunicacional digital. Um dos motivos é o baixo custo de manutenção do espaço na web, bem como da circulação das produções.

Um bom exemplo desse caso é a *Agência Pública de Reportagem Jornalismo Investigativo*⁴, criada em 2011 pelas jornalistas Marina Amaral e Natalia Viana, a agência produz reportagens exclusivamente para a internet. As principais reportagens do site levaram meses para serem produzidas, como é o caso da série *Amazônia Pública*⁵, em que três equipes de repórteres e fotógrafos foram até o norte do país investigar como os grandes empreendimentos da região estavam afetando a vida da população. Além de um tempo de produção maior, a iniciativa não conta com verba publicitária, suas produções são financiadas através do *crowdfunding*⁶ e de Fundações, portanto não há conflito de interesses, nem briga por espaço.

As reportagens extensas e com um maior aprofundamento demandam um tempo maior de apuração, por não ter uma periodicidade, os livros-reportagem compartilham dessa flexibilidade encontrada nessas iniciativas da web. A jornalista Adriana Carranca, por exemplo, demorou oito meses para terminar o livro *Depois do Taleban* (2011).

Outra característica partilhada pelos dois formatos é o espaço. Na web não há limitação quanto ao espaço, as reportagens da *Agência Pública*, por exemplo, são

⁴ Ver: <<http://apublica.org/>> Acesso em: 24 jul. 2015.

⁵ Ver: <<http://www.apublica.org/amazoniapublica/>> Acesso em 24 jul. 2015.

⁶ Financiamento coletivo. No caso da Agência Pública, os próprios leitores doam e passam a poder participar de algumas decisões editoriais, como quais pautas serão escolhidas para a produção de reportagens.

extensas e, ainda que haja conteúdo multimídia, há o predomínio do texto escrito. Da mesma forma, não há um limite de extensão para a produção do livro-reportagem, seja ele sobre um único assunto ou uma coletânea de reportagens.

A questão da liberdade do narrador é outro ponto que gostaria de destacar nessa breve incursão. Iniciativas como a *Agência Pública* encontram no digital o ambiente perfeito para driblar algumas das dificuldades que o jornalismo independente sempre enfrentou. Cerceamentos de ordem editorial e econômica sempre caminharam lado a lado do jornalismo tradicional, já com o baixo custo e a facilidade de difusão de conteúdo proporcionado pela internet é possível vislumbrar uma maior liberdade para o narrador-jornalista. O mesmo ocorre nos livros-reportagem, que se configura enquanto alternativa para uma produção autoral do jornalista, desvinculada dos grandes veículos. Os dois suportes se mostram, portanto, como uma espécie de refúgio, o lugar possível para o texto que não encontra espaço na mídia tradicional.

Uma vez que destaquei brevemente as três características que considero pontos de confluência entre esses dois suportes – o tempo, o espaço e a liberdade do narrador – parto agora para uma reflexão sobre a questão da leitura nesses dois suportes.

Lúcia Santaella (2005) diferencia em três os tipos de leitores: contemplativo, movente e imersivo. O leitor contemplativo seria o indivíduo da sociedade pré-industrial, do livro impresso e das imagens fixas. O leitor movente já teria acesso ao universo da reprodutibilidade, da fotografia, é o leitor das misturas sígnicas, do mundo em movimento pós-industrial. Já o leitor imersivo é o leitor da era digital “aquele que navega através de fluxos informacionais voláteis, líquidos e híbridos – sonoros, visuais e textuais – que são próprios da hipermídia” (SANTAELLA, 2005, p. 11). Conforme citado anteriormente, a mudança nos suportes, acarreta mudanças nos processos cognitivos de leitura. No mundo contemporâneo digital esses três tipos de leitura coexistem e são acionados conforme a necessidade cognitiva e sensorial que se acessa, seja na tela, seja no impresso.

Gonçalves (2014) critica o que ele chama de paradigma da passividade da leitura. “Contra esse primeiro paradigma, desenha-se a necessidade da compreensão do ato de ler e de produzir sentido a partir de um texto como ato e portanto, como ação”. (GONÇALVES, 2014, p.3). Ainda que a emergência do cenário digital reforce a ideia de que o leitor imersivo se torne ativo, uma espécie de co-autor, uma vez que monta a

sua própria trajetória de leitura conforme os links em que clica que o direciona para outros espaços, o ato de ler nunca foi passivo. Tampouco a hipertextualidade é uma novidade, já que, desde a criação dos índices e sumários no formato códice, o acesso ao texto pode ser feito de forma não-linear. O que muda conforme o formato, não é o fato do leitor deixar de ser passivo, mas as possibilidades que cada suporte traz.

Em primeiro lugar o próprio formato do suporte, seja ele um rolo antigo, um códice manuscrito ou impresso, um texto digital num leitor de e-livros, num tablet, num computador etc. O tipo de trabalho intelectual favorecido por cada um desses tipos de formato material do suporte é diferente dos outros e singular: assim, por exemplo, o rolo dificulta a colação, a tomada de notas, a navegação; o códice, torna esses procedimentos mais fáceis, assim como o armazenamento das obras; os leitores digitais permitem a busca rápida, eletronicamente, de termos e palavras, mas os leitores de e-livros, por exemplo, dificultam a colação de diferentes obras e a tomada de notas. (GONÇALVES, 2014, p.5)

Por fim, ainda no esteio dos processos intelectuais e de leitura que cada suporte suscita, pode-se verificar que a forma como o texto se apresenta, suas características visuais, variam não só de meio para meio, mas também conforme a proposta textual. Desta forma, as grandes reportagens veiculadas on-line não seguem o padrão de apresentação das notícias em tempo real dos portais. Os grandes veículos de produção noticiosa instantânea, como o G1 e o UOL notícias, utilizam de um formato mosaico que apresenta não só uma notícia, mas também títulos de outras matérias, publicidades, ícone para busca, filtros que direcionam o acesso para outras áreas do site, entre outros elementos. Já as chamadas reportagens especiais, mais extensas e com um maior aprofundamento, tendem a ser apresentadas sozinhas na página, o que, salvo as especificidades de cada meio, remete ao modo como são configuradas as páginas de livros, com um visual mais limpo que dá ênfase ao texto.

Um exemplo disso é a versão on-line do jornal americano *The New York Times*, enquanto as notícias cotidianas seguem o padrão mosaico, as reportagens especiais produzidas pelo veículo ganham um tratamento visual diferenciado, como é o caso de *Snow Fall*,⁷ que conta a história de uma avalanche que ocorreu nos Estados Unidos. As páginas em que são apresentadas não contam com nenhuma publicidade ou elementos

⁷ Ver: <<http://www.nytimes.com/projects/2012/snow-fall/#/?part=tunnel-creek>> Acesso em: 28 Jul. 2015.

de direcionamento para outras matérias ou áreas do site, além da reportagem, que fora o texto explora também diversos formatos multimídia, há apenas uma faixa na parte superior da tela com a logo do jornal, links para partes específicas da reportagem e ícones para comentários e compartilhamentos em redes sociais. *Cyclings's Road Foward*⁸ do *The Washington Post*, *The Long, Strange Trip off Dock Ellis*⁹, produzida pela *ESPN*, são outros exemplos de reportagens e veículos que seguem esse modelo. No caso do Brasil, a *Agência Pública* adota esse padrão em todas as suas reportagens.

Para Silva (1985) é o discurso gráfico que ordena a nossa percepção, que conduz a leitura. A linguagem visual teria, portanto, um papel determinante no que concerne ao processo de significação pela leitura. Assim, a adoção de um modelo visual na web que se aproxima do modo como o texto costuma aparecer nos livros impressos, estimularia processos intelectuais próprios da leitura no livro, suporte em que estamos habituados a encontrar textos maiores.

Considerações finais

É, portanto, a hibridez uma característica essencial do cenário comunicacional digital. Nesta breve reflexão busquei reforçar as confluências entre as possibilidades no âmbito do jornalismo abertas pelo formato livro-reportagem e pela web. No entanto, essa é uma investigação que permite muitos outros cruzamentos com os demais suportes, afinal, segundo Gascón (2010, p.129) “temos de ter em mente que o jornalismo digital cria um novo (e mais visual) modelo informativo, que combina aspectos da imprensa tradicional em papel, a rádio e a televisão”.

Não abandonamos um suporte mais arcaico quando um mais moderno é criado. Da mesma forma que não deixamos de falar ao aprendermos a escrever, o impresso não deixa de existir com o desenvolvimento da web. Os meios se reinventam e os novos se apropriam das características dos que os precederam. Nas palavras de Santaella (2005, p.12) “não parece haver nada mais cumulativo do que as conquistas da cultura humana”.

Essa breve reflexão propôs um olhar diferenciado para as possibilidades trazidas pelo cenário digital para o jornalismo. O baixo custo torna possível que iniciativas de

⁸ Ver: <<http://www.washingtonpost.com/sf/wp-sports/2013/02/27/cyclings-road-forward/>> Acesso em: 28 jul. 2015.

⁹ Ver: <<http://sports.espn.go.com/espn/eticket/story?page=Dock-Ellis>> Acesso em: 28 jul. 2015.

jornalismo independente saiam do papel, que os jornalistas tenham mais liberdade autoral, que vozes não sejam caladas por ferirem interesses de grandes anunciantes. O espaço ilimitado permite que grandes reportagens ganhem espaço fora das grandes empresas jornalísticas. A fácil disseminação de conteúdo faz com que os leitores tenham o acesso facilitado às produções.

Ao relacionar essas novas oportunidades com aquelas propiciadas pelos livros-reportagem entendo que os dois suportes abrem portas para o jornalismo, garantindo que as reportagens em profundidade tenham espaço e que o jornalista tenha uma maior independência. O texto digital não vai fazer com que o texto impresso desapareça, o mais provável é que eles coexistam (CHARTIER, 2002), que se modifiquem e que promovam mudanças no âmbito intelectual e no processo de apropriação de sentidos pelo leitor.

Referências

CHARTIER, Roger. **A ordem dos livros**. São Paulo: UNESP, 2002. P.95-111.

_____. **Os desafios da escrita**. São Paulo: UNESP, 2002.

GASCÓN, Joan Francesc Fondevila. Impacto visual na imprensa digital: uma pesquisa espanhola empírica. **Brazilian journalism research**. v. 6, n. 2, 2010. Disponível em: <<http://bjr.sbpjor.org.br/bjr/article/view/28/29>> Acesso em 28 jul. 2015.

GONÇALVES, Márcio Souza. **Materialidade, meios de comunicação, culturas e agentes humanos**. In: **23ª Compós - Encontro Anual da Associação Nacional de Programas de Pós-Graduação em Comunicação**, 2014, Belém. Anais da 23ª Compós - Encontro Anual da Associação Nacional de Programas de Pós-Graduação em Comunicação. São Paulo - Belém: Compós - UFPA, 2014. v. 1. p. 1-17.

GRADIM, Anabela. **Os gêneros e a convergência: o jornalista multimídia do século XXI**. Covilhã, Portugal: Labcom/UBI, 2002. Disponível em: <<http://www.labcom.ubi.pt/files/agoranet/02/gradim-anabela-generos-convergencia.pdf>> Acesso: 28 jul. 2015.

KERCKHOVE, Derrick. **A pele da Cultura**. São Paulo: AnnaBlume, 2009.

KERCKHOVE, Derrick. Texto, contexto e hipertexto: três condições da linguagem, três condições da mente. **Famecos**, n.22, dez. 2003. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/3227/2491>> Acesso em: 28 jul. 2015.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas: o livro reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. Barueri: Manole, 2009.

MIELCNIZUK, Luciana. Sistematizando alguns conhecimentos sobre jornalismo na web. In: MACHADO, Elias; PALACIOS, Marcos. (Orgs). **Modelos de jornalismo digital**. Salvador: Calandra, 2003. P. 37-54.

MORETZSOHN, Sylvia. **Jornalismo em tempo real**: o fetiche da velocidade. Rio de Janeiro: Revan, 2002.

PALACIOS, Marcos. Ruptura, continuidade e potencialização no jornalismo on-line: o lugar da memória. In: MACHADO, Elias; PALACIOS, Marcos. (Orgs). **Modelos de jornalismo digital**. Salvador: Calandra, 2003, p. 37-54.

SANTAELLA, Lúcia. Os espaços líquidos da cibermídia. **Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação**. 2005. Disponível em: <<http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/viewFile/26%3E/27>> Acesso em: 26 jul. 2013.

SILVA, Rafael Souza. **Diagramação**: o planejamento visual gráfico na comunicação impressa. São Paulo: Summus, 1985.